

PRÁTICAS MÚSICO-EDUCATIVAS DE PARTICIPANTES DOS GRUPOS MUSICAIS DA FAZENDA ESPERANÇA, DE BAGÉ/RS

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.957112430093>

Data de aceite: 02/10/2024

Jeferson Sousa Brito Ramires

RESUMO: Este trabalho objetivou compreender as práticas músico-educativas de participantes dos grupos musicais do centro terapêutico para a dependência química *Fazenda Esperança*, de Bagé/RS. Os objetivos específicos foram: 1) revelar os motivos para a criação de grupos musicais na *Fazenda Esperança*; 2) conhecer como os internos escolhem os grupos musicais dos quais participam; 3) investigar as formas de ensino e aprendizagem musicais que ocorrem nos grupos; 4) analisar os impactos do envolvimento com as práticas musicais na trajetória de recuperação dos residentes. A pesquisa, de abordagem qualitativa e com perspectiva teórica desde a Sociologia da Educação Musical (SOUZA 2000; 2004), utilizou como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada com seis participantes daquele centro terapêutico. Resultados mostraram que alguns participantes dos grupos musicais, trazendo conhecimentos anteriores em determinado instrumento musical, ensinam outros residentes e cada integrante é também incentivado a explorar

outros instrumentos musicais disponíveis no centro de tratamento. As práticas musicais são fomentadas naquele contexto como forma de motivação para a recuperação da drogadição. O fazer musical, perpassado pelas questões religiosas – já que se trata de uma instituição com orientação evangélica –, proporciona uma nova forma de os residentes se apresentarem ao mundo. Por meio da música, conseguem suporte para manter-se em tratamento contra a dependência química e buscar a ressocialização. Também destaco a importante função da música para esses sujeitos no que diz respeito aos afetos e novos laços de amizade que são constituídos através da música.

PALAVRAS CHAVE: Dependência química e música. Práticas músico-educativas em centros terapêuticos. Música e drogadição.

MUSIC-EDUCATIONAL PRACTICES OF PARTICIPANTS OF MUSICAL GROUPS AT FAZENDA ESPERANÇA, BAGÉ/RS

ABSTRACT: This work aimed to understand the music-educational practices of participants from the musical groups of the therapeutic center for drug addiction *Fazenda Esperança*, in Bagé / RS. The specific objectives were: 1) to reveal the reasons for the creation of musical groups at *Fazenda Esperança*; 2) to know how residents choose the musical groups in which they participate; 3) to investigate the forms of musical teaching and learning that occur in groups; 4) to analyze the impacts of involvement with musical practices on the recovery path of residents. The research, with qualitative approach and theoretical perspective since the Sociology of Musical Education (SOUZA 2000; 2004), used as data collection instrument the semi-structured interview with six participants of *Fazenda Esperança* therapeutic center. Results have shown that some music group participants, bringing previous knowledge of a particular musical instrument, teach other residents and each member is also encouraged to explore other musical instruments available at the treatment center. The musical practices are fostered in that context as a motivation for the recovery from drug addiction. Making music, permeated by religious issues - as *Fazenda Esperança* is an evangelical oriented institution - provides a new way for residents to introduce themselves to the world. Through music, they get support to stay in treatment against drug addiction and to seek resocialization. I also highlight the important role of music for these subjects with regard to the affections and new bonds of friendship that are constituted through music.

KEYWORDS: Chemical dependence and music. Music-educational practices in therapeutic centers. Music and drug addiction.

INTRODUÇÃO

Desde a infância sempre fui apaixonado por música. Meu pai, percebendo meu interesse, presenteou-me com um violão. Durante a adolescência, as curiosidades em relação aos conteúdos musicais se fizeram muito presentes e fui matriculado em uma aula daquele instrumento musical. Logo em seguida, comecei a trabalhar com música, tocando em algumas bandas da minha cidade. Nesta época eu tinha treze anos e segui, durante boa parte da adolescência, com essas práticas musicais.

Em 2008, com a morte de meu pai, fiquei abalado psicologicamente e acabei deixando a música, tendo, logo em seguida, passado a consumir drogas. Em um curto período de tempo já estava dominado pelo vício, o que, por consequência, me fez abandonar a família. Passei alguns anos na luta contra a dependência química e, quando percebi que teria um triste fim, busquei naqueles que havia abandonado e na música forças para recomeçar. No momento em que decidi mudar de vida, procurei duas pessoas de imediato: minha esposa e meu professor de saxofone, e, aos poucos, consegui trocar o tempo com as drogas pelo tempo com a família e a música. Assim, no meu caso, não foram necessárias a internação ou a medicação, mas, sei que, para a maioria dos dependentes, o tratamento clínico é fundamental.

Acredito que a música seja de enorme importância no tratamento. No meu caso, era um relaxante e ajudava a amenizar a ansiedade e a vontade de usar drogas. Depois de ter vivido tempos difíceis na luta contra a dependência química, refleti sobre a importância da música para que eu chegasse até aqui. Assim, para mim, este trabalho é uma forma de devolver a ela os benefícios que tem me proporcionado.

Atualmente, muitos indivíduos lutam contra a dependência química em centros terapêuticos emergem por todo país. O estudo deste tema para a área da saúde não é novidade, entretanto, na educação musical, esta relação entre a dependência química e a música como forma de terapia ainda é nova. Sendo assim, se abrem estes contextos à área da educação musical também com o desafio de se compreender melhor a relação entre drogadição e práticas músico-educativas, já que centros terapêuticos são espaços onde a prática musical pode estar presente, levando-nos a pensar estes ambientes como campo de trabalho também para educadores musicais.

Ainda hoje tenho amigos lutando contra a dependência química e muitos deles são residentes em um centro terapêutico denominado “Fazenda Esperança”, na cidade de Bagé/RS. Essa instituição tem como objetivo o tratamento, a recuperação e a reintegração do dependente químico à sociedade, bem como o apoio psicológico, social e espiritual para suas famílias. Foi fundada em 2012, pelo pastor Franco Fabian, ex-dependente químico, e oferta a seus residentes diferentes atividades, entre elas práticas musicais em dois grupos: *Athos Rap* e *Banda Athos*. A Fazenda Esperança será apresentada mais adiante, no capítulo três deste trabalho.

A pesquisa realizada teve como objetivo principal compreender as práticas músico-educativas de participantes dos grupos musicais do centro terapêutico citado. Seus objetivos específicos foram: 1) revelar os motivos para a criação de práticas musicais na Fazenda Esperança; 2) conhecer como os internos escolhem os grupos musicais dos quais participam; 3) investigar de que forma ocorrem as interações musicais nos grupos; 4) analisar os impactos do envolvimento com as práticas musicais na trajetória de recuperação da dependência química dos participantes da pesquisa.

Esta monografia está dividida em sete capítulos. Após este capítulo introdutório, segue-se a revisão de literatura, onde trago trabalhos da educação musical e de outras áreas que tangenciam a temática música e drogadição. No capítulo três trato de apresentar o referencial teórico-metodológico utilizado para a pesquisa, expondo os caminhos trilhados para o alcance dos objetivos. O contexto pesquisado - a Fazenda Esperança -, bem como os participantes da investigação são apresentados no capítulo quatro. No quinto capítulo examino as práticas músico-educativas da instituição e, no capítulo seis, seu impacto no tratamento dos residentes. Finalizo a monografia com as considerações finais, no capítulo sete.

REVISÃO DE LITERATURA

Antes de começar uma pesquisa, é fundamental examinar o que já foi produzido, buscando estudos que dialoguem com a temática escolhida, procurando conhecer o que já foi investigado acerca do tema.

Para a revisão de literatura pesquisei nos Anais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), mais precisamente nos encontros regionais Sul, Nordeste, Norte e Centro-Oeste dos últimos quatro anos. Durante minha busca por trabalhos acadêmicos próximos ao meu tema de pesquisa, não encontrei estudo que abordasse sobre práticas músico-educativas e drogadição, porém me deparei com pesquisas da área da educação musical em projetos sociais e investigações com abordagens musicoterapêuticas sobre drogadição e música, além de estudos que revelam dados sobre centros terapêuticos e religiosidade.

A educação musical - assim como outras áreas de conhecimento tais como a psicologia comunitária, a antropologia e a saúde coletiva - têm procurado debater a respeito da inserção da música em projetos sociais (SOUZA, 2014). Isso tem se materializado na extensa produção bibliográfica sobre a temática, revelando que não é uma preocupação apenas das artes fazer uma reflexão sobre o papel da música na formação de sujeitos e na promoção da inclusão social. O interesse de diferentes campos do conhecimento acerca da implementação de atividades musicais em projetos sociais nos indica o quanto é intensa a presença da música nestes espaços. Criar elos com essas diferentes áreas poderá ajudar a compreender o seu papel nesses espaços.

Discutir a respeito da importância de vários aspectos centrais dos projetos sociais, sobretudo para a área da educação musical, foi o objetivo do estudo de Nascimento (2014). Inicialmente, o autor apresenta os sentidos atribuídos com mais frequência ao termo “projeto social” pela literatura especializada no tema, acentuando-se a “vinculação desta categoria com as transformações sociais por um mundo mais justo e mais humano” (NASCIMENTO, 2014, p. 51). O autor buscou compreender de que maneira a prática musical nos projetos sociais tem se constituído em experiências educativas que possibilitem a transformação social dos indivíduos participantes e em que medida o trabalho com música desenvolvido nessas instituições tem contribuído para a integração social e a formação da identidade dos envolvidos.

Um projeto de extensão do Curso de Licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista, do IPA, constituiu dois grupos, um vocal e outro instrumental, na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre/RS. Teve como objetivo, para as detentas, “contribuir para a redução de danos causados pela pena de prisão através do fortalecimento de sua auto-estima, além de oferecer à comunidade do presídio uma alternativa de formação musical fundamentada na experiência acadêmica” (TEIXEIRA; FERNANDES, 2009, p. 329). A tentativa de reduzir os traumas vividos por pessoas que sofrem por serem excluídos da sociedade, mesmo que por motivos distintos, é o que aproxima o trabalho dos autores da minha temática de pesquisa.

Weichselbaum e Nunes (2016) buscaram compreender como a educação musical, oportunizada em projetos sociais, contribuiu com ações, melhorias e novas perspectivas para a vida de jovens com formação oriunda destes espaços. Analisaram relatos de egressos de projetos sociais que estudam música nesses contextos, considerando a visão dos próprios participantes. O aprendizado de música nesses espaços, assim como a tentativa de compreender os benefícios que a música proporciona a estas pessoas são assuntos muito pertinentes à minha pesquisa. Tratando-se de pessoas em situação de vulnerabilidade social, é importante que possamos entender como acontece o processo de ensino e aprendizagem de música nestes espaços e qual sua importância para esses indivíduos. Também Roggenkamp (2012) se interessou em conhecer como as práticas musicais penetram no espaço institucional da “Casa da Menina”, local de acolhimento de jovens mulheres em situação de risco pessoal e social.

Andrade e Dias (2014) discutiram o papel do educador musical nos projetos sociais, bem como dialogaram com alguns teóricos sobre o perfil do professor atuante nesse contexto, envolvendo a temática educação, periferias e sociedade contemporânea. Tão importante quanto investigar a posição de quem aprende é conhecer o perfil do professor de música nestas instituições. A sociedade vive em uma constante mudança onde novos desafios emergem a cada momento. Assim, o educador musical, nestes espaços de inclusão social, precisa também ser flexível e saber se adaptar ao contexto.

Fialho (2014) abordou a formação do professor de música no âmbito de um projeto social e aspectos de sua prática pedagógico-musical. Já, Fuente (2016), estudou a concepção de educação musical, instrução, formação musical e musicoterapia. Segundo a autora, dentro das artes a música é, talvez, aquela que vincula que pode trabalhar as emoções e é algo “misteriosa”, pois ajuda a sentir-se em companhia a quem está em solidão, ou a não se sentir frágil a quem assim se sente. Enfim, assume a característica de ser uma ferramenta para a intervenção social.

Ellwand (2018) realizaram dois estudos de caso em que a música é a principal ferramenta de auxílio para a recuperação de dependentes químicos. O primeiro deles chama-se *New Note Orchestra*, localizada em Brighton, Reino Unido, e tem dois objetivos principais: Ajudar as pessoas em recuperação da dependência de drogas e álcool a permanecerem sóbrias, reunindo-se regularmente para compor e tocar música e reduzir os estigmas sobre o alcoolismo e o vício, realizando apresentações públicas. Já, o segundo estudo, chama-se *Rising Voice*, está sediado em Bristol - também na Inglaterra - e se trata de um grupo de dependentes químicos em fase de recuperação, que se reúne para cantar, cujos integrantes enfrentam problemas com o uso de drogas ou álcool.

Utilizar a música como ferramenta de auxílio na reabilitação de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas configura-se como “uma incógnita epistemológica” para o campo da musicoterapia, segundo Rosa (2013). A autora discorre a respeito da carência de pesquisas teóricas e práticas, no âmbito da musicoterapia, que atentem para a complexidade da demanda na reabilitação de pessoas acometidas pelo abuso no uso daquelas substâncias, sendo o principal motivo para a realização do estudo.

Damacena *et al.* (2017) afirma que a religiosidade é uma importante ferramenta metodológica dentro das comunidades terapêuticas, principalmente quando ela é uma das dimensões mais relevantes da experiência humana cotidiana, capaz de dar-lhe real significado. Dando continuidade, constata a alusão frequente à influência de aspectos espirituais e religiosos na cura e no tratamento dos usuários de álcool e outras drogas. Acrescenta, como um dos principais objetivos dos centros terapêuticos, o amadurecimento pessoal do sujeito e sua reinserção à sociedade, através do despertar de novos valores como a espiritualidade, responsabilidade, solidariedade, honestidade, amizade e o amor.

Dados consideráveis apresentados por Damacena *et al.* (2017) mostram a relevante caracterização da abordagem religiosa presente nas comunidades terapêuticas pesquisadas. Foi observado que a maioria trata-se de entidades não governamentais, legalmente constituídas como associações, na forma exigida pela legislação brasileira, com a predominância religiosa na orientação dos trabalhos com os residentes. Estes dados baseiam-se em diversos estudos que apontam que no Brasil tais comunidades localizam-se na esfera privada, ou seja, são movimentos da sociedade civil que acolhem, em especial, um público que busca abstinência e não tem um amparo governamental.

Tão importante quanto promover a abstinência do consumo de drogas, a religião proporciona ao indivíduo uma reformulação social. Alguns dos fatores principais para o alcance destes resultados através da religião seriam o acolhimento aos que precisam de ajuda e o respeito que lhes é transmitido auxiliando diretamente na autoestima do sujeito e na realização de novos afetos sociais (DAMACENA *et al.*, 2017, p. 51). Os autores estudaram o *coping* religioso/espiritual, fenômeno que trata da utilização de crenças e práticas religiosas e espirituais como recurso para facilitar a solução de problemas e prevenir ou aliviar as consequências emocionais negativas de circunstâncias estressantes de vida.

A dependência química, segundo Mota (2008), caracteriza-se como um problema social relevante na sociedade contemporânea, atingindo milhares de indivíduos, ignorando distinções de classe social, gênero, etnia ou credo religioso. Considerando que a maioria das pesquisas que tomam este fenômeno por foco se origina dos saberes médicos e psicológicos, a intenção da sua tese foi incluir esta temática no âmbito das ciências sociais, privilegiando uma abordagem compreensiva da dependência química, analisando-a como um fenômeno polissêmico que possui estreito vínculo com o social. O foco de sua pesquisa foi averiguar como determinadas representações sociais (pecado, crime edoença) estão associadas ao abuso de drogas e contribuem para a construção social de rótulos e estigmas relacionados a esta forma de transgressão. Segundo o autor pode-se afirmar que a cada dia que passa a dependência química se consolida como uma doença, mas trata-se de um problema complexo “que também incorpora representações da religião, da moral e do direito penal”. Mota (2008) abordou, ainda, a questão referente à solidariedade entre dependentes químicos, embasada em propósitos religiosos como ferramenta de recuperação e sociabilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, serão descritos passo a passo os caminhos percorridos pela pesquisa desde o primeiro contato com a instituição, passando pelas entrevistas, transcrições, análise de dados e aportes da sociologia para a interpretação.

A pesquisa qualitativa

A pesquisa de abordagem qualitativa tem como característica a utilização do ambiente natural como fonte direta de coleta de dados e tem o pesquisador como instrumento fundamental para esta coleta (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Segundo YIN (2016), este tipo de pesquisa se caracteriza pela sua plural condição de investigar, tendo como referência diferentes metodologias. Ao assumirmos uma única ou diferentes realidades, as diferenças, a excentricidade ou a generalização dos acontecimentos humanos tendem a emergir. (YIN, 2016, p. 3).

Já Pires (2010) nos aponta como principais características da abordagem qualitativa:

- a) flexibilidade de adaptação durante seu desenvolvimento, o que possibilita a construção do objeto de investigação durante o decorrer da pesquisa;
- b) capacidade de se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, grupos estáveis, ou ainda de objetos ocultos, difíceis de apreender ou perdidos no passado;
- c) capacidade de englobar dados heterogêneos ou combinar diferentes técnicas de coleta de dados;
- d) capacidade de descrever em profundidade vários aspectos da vida social concernentes à cultura e à experiência vivida. Várias dessas características embasaram minha escolha por uma abordagem qualitativa de investigação como o caminho mais coerente.

Instrumento de coleta de dados: A entrevista qualitativa

Foi utilizada como ferramenta para coletar os dados a entrevista de caráter qualitativo. Esse tipo de entrevista trata de recolher dados que descrevam a temática que se procura conhecer, sob a perspectiva do entrevistado, permitindo ao entrevistador inserir, de forma espontânea, no momento da entrevista, outras questões que lhe ajudem a entender como os sujeitos compreendem o mundo (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 134). Já para Poupert (2010) permitir questionar os sujeitos e apropriar-se dos dados obtidos para compreender as realidades sociais consolida uma das principais vantagens das ciências sociais em relação às ciências da natureza (POUPART, 2010, p. 215).

A rotatividade dos residentes no centro terapêutico que, a princípio, pensei que pudesse me atrapalhar no que se refere à escolha dos participantes, acabou não sendo uma dificuldade na realização da pesquisa. As entrevistas com os membros dos grupos musicais aconteceram em diferentes momentos. A primeira ida ao campo ocorreu na sede da instituição onde é realizada a segunda fase do tratamento, e ainda no período de escrita do projeto de pesquisa. Munido de um pequeno roteiro com perguntas referentes à criação e ao funcionamento da Fazenda Esperança, pude conversar com o pastor Franco, seu fundador, sobre a instituição.

Já, em um segundo momento, fui recebido pelos participantes da banda Athos em um domingo de visita dos familiares dos residentes na Fazenda Esperança. Nesta ocasião, realizei entrevistas com Antônio, Leonardo, Luis e, novamente, com o pastor Franco, desta vez com perguntas referentes às práticas músico-educativas dentro do centro terapêutico e aos impactos destas práticas no tratamento dos residentes.

Minha aproximação com os participantes foi facilitada pelas relações de amizade já estabelecidas com alguns dos residentes, tornando as entrevistas um encontro menos formal. Outro agente facilitador foi conhecer a realidade dos residentes, possibilitando compreender como acontece a comunicação entre eles, já que utilizam de uma linguagem muito particular por meio de gírias.

Por questões éticas foi utilizado o nome real apenas do pastor Franco Fabian, que assinou o Termo de cessão de direito de uso de imagem e voz (ver Anexo). Para os demais residentes foram empregados nomes fictícios.

Após ter conversado com os atuais participantes da banda Athos e analisado os dados, pude perceber que alguns nomes de ex-participantes emergiram com muita frequência nas falas. Entre os nomes citados dois se destacaram: José e Cabral. Então, por meio de contatos via telefone e redes sociais, consegui agendar entrevistas com ambos.

Ao fazer contato com Cabral, fui informado pelo mesmo que não residia em Bagé e que vinha à cidade apenas quinzenalmente. Então, em uma destas vindas, o ex-participante me recebeu em sua residência onde pode colaborar em muito com a pesquisa.

Por último, realizei a entrevista com José, que foi um dos fundadores dos grupos musicais. Considero que esta tenha sido a entrevista mais difícil de ser feita pelo fato de José estar atuando como monitor em um centro terapêutico na cidade de Sapucaia/RS. Através de redes sociais consegui contato com pessoas próximas a ele, que me informaram seu telefone.

Feito o contato, marcamos a entrevista via chamada telefônica. No entanto, não obtivemos êxito, já que o colaborador localizava-se na zona rural de Sapucaia. Então, marcamos a entrevista para outra ocasião, agora via WhatsApp. Enviei as perguntas de forma escrita, pelo aplicativo, e obtive as respostas em forma de áudio. Da mesma forma, pude esclarecer as dúvidas que foram surgindo ao longo da entrevista, que levou em torno de duas semanas para sua conclusão devido às dificuldades de comunicação.

Durante as entrevistas os residentes utilizam o termo “irmão” para fazer referência aos demais participantes da banda. O substantivo aparece em citações no decorrer do trabalho. A justificativa está ligada à dimensão religiosa vinculada ao tratamento.

Transcrição, categorização e análise dedados

Contando com o auxílio de um aplicativo de mixagem de áudio chamado *Voicemeeter* e do *Google docs* foi possível fazer a transcrição automática das entrevistas. O aplicativo faz com que um áudio executado no computador seja recebido pelo microfone do mesmo computador, possibilitando utilizar a ferramenta de acessibilidade do *Google docs* onde é possível digitar através da voz. É importante frisar que a transcrição feita com o auxílio destas ferramentas não é totalmente confiável, sendo preciso fazer correções no texto devido à qualidade do áudio não ficar totalmente clara, já que o aplicativo, algumas vezes, interpreta palavras de maneira equivocada.

O passo posterior à transcrição foi o de organizar as informações obtidas, visando maior clareza durante a análise dos dados. Elaborei uma tabela onde busquei classificar os trechos transcritos, de cada entrevistado, que correspondessem aos objetivos da pesquisa. Os tópicos criados a partir das falas dos entrevistados foram: descrições sobre a Fazenda Esperança, atividades ofertadas pela instituição, motivos para a criação dos grupos musicais, história pessoal com a música, escolha dos grupos, os ensaios da banda, repertórios musicais preferidos, ensinar e aprender música, o tratamento, impacto da música no tratamento, religiosidade e música.

Aporte da sociologia da educação musical: a música como prática social

Souza (2004), citando Anne-Marie Green, afirma que a presença da música em nossa vida cotidiana é tão importante que podemos considerá-la como um fato social a ser estudado. Segundo a autora, o que faz da música um fato social são as relações que os indivíduos constroem com, ela, seja a música que for. Ainda citando Anne-Marie Green, Souza (2004) acredita ser mais importante definir o tipo de relação que as pessoas mantêm com a música que “se limitar a um estudo da prática ou do consumo musical unicamente por seu conteúdo ou gênero de música apreciada ou escutada” (SOUZA, 2004, p. 7).

Souza (2000) apresenta o cotidiano na perspectiva das ciências sociais como um lugar social de “processos, de crenças, de achar sentidos comunicativo e interativo”, onde os sujeitos pertencentes a uma dada sociedade concebem seus perfis sociais baseados em um entendimento sobre as normas do mundo social do qual fazem parte. Portanto, deve-se reconhecer as interações entre os sujeitos como condição para a compreensão do valor das práticas musicais e dos processos de transmissão e recepção musicais.

Em geral, ao se considerar formas de ensino e aprendizagem musical de indivíduos, tende-se a ignorar os valores de mundo vivido pelos participantes de determinadas práticas musicais. No entanto, e segundo Souza (2004), a compreensão do nível dos valores para um indivíduo ou comunidade é a única forma de garantir mudanças estruturais na sociedade. Considerando as experiências musicais dos sujeitos, valorizamo-os como indivíduos e ajudamos a provocar sua inclusão no processo social.

O cotidiano como perspectiva teórica busca olhar para a dimensão subjetiva, “seja ela em processos sociais, em instituições ou em contextos institucionalizados”, (SOUZA, 2000, p. 28). As práticas musicais são repletas de diferentes sentidos e são, na maioria das vezes, um elo de ligação entre o sujeito e algo que lhe é necessário ou importante, seja no âmbito social, emocional ou espiritual. Por esse motivo, acolher a música do outro é atentar para a dimensão subjetiva e muitas vezes não explícita de quem faz música. Nesse sentido, educador musical precisa considerar, sem julgamento de valor, os diferentes mundos musicais dos sujeitos.

A FAZENDA ESPERANÇA

Apresentação do centro de tratamento

A Fazenda Esperança é um centro terapêutico, de orientação evangélica, idealizado por Franco Fabian, para o tratamento de dependentes químicos do sexo masculino. Localizado na cidade de Bagé/RS, atende em duas sedes, em dois momentos distintos durante o tratamento, ofertando cursos profissionalizantes e visando à imersão de seus residentes no mercado de trabalho. Uma das sedes está localizada na Estrada da Serrilhada, 436, zona rural da cidade. A segunda, situa-se na rua Conde de Porto Alegre, 172, Centro.

Franco Fabian, ex-dependente químico, recebeu tratamento na cidade de Pelotas/RS, por não haver centros terapêuticos em Bagé. Naquela cidade, Franco conseguiu recuperar-se da dependência química e, na instituição na qual foi residente, aprendeu sobre formas de alcançar a recuperação. Nesta época, realizou alguns cursos, entre eles o de consultor químico.

Retornando a Bagé, Franco decidiu desenvolver, na cidade, o trabalho de ajuda a dependentes químicos. No início, acolheu seis jovens que moravam na rua, em sua própria residência, pelo período de um ano, dos quais cinco obtiveram êxito na recuperação. Dessa ação, surgiu a ideia de ter um espaço próprio para o tratamento da dependência química, em Bagé.

A Fazenda Esperança presta o serviço sem que os atendidos precisem pagar pelo seu tratamento, sendo esse o seu diferencial em relação à maioria dos centros terapêuticos. Segundo Fabian, muitos dependentes não conseguem a recuperação por não terem condições de pagar pelo seu tratamento e reforça que o único requisito para receber ajuda é querer estar na Fazenda, desejando recuperar-se.

Durante o tratamento são oferecidos acompanhamento psiquiátrico, psicológico, terapia ocupacional e curso de panificação. São três as etapas que os atendidos atravessam: desintoxicação, adaptação e reinserção na sociedade. Dentro do centro terapêutico os internos são distribuídos em diferentes setores como jardinagem, cozinha, cuidado dos animais, padaria, horta, limpeza. Já, na parte da reinserção, os atendidos são encaminhados a cursos profissionalizantes. Alguns retomam os estudos e outros se tornam monitores na própria Fazenda.

Durante o tratamento é preciso que o interno se adapte à rotina do centro terapêutico, cumprindo horários rígidos, começando logo cedo com uma reunião motivacional que visa a estipular metas diárias. Entre as atividades cotidianas, a música torna-se presente por meio dos grupos musicais.

Os colaboradores da pesquisa: participantes dos grupos musicais da Fazenda Esperança

Nesta subseção apresento cada um dos seis sujeitos entrevistados e um pouco de suas histórias pessoais com a música. Entender quais vivências musicais cada uma dessas pessoas levou para dentro do centro terapêutico nos possibilita uma aproximação dos mundos vividos dos participantes da pesquisa e a compreensão dos sentidos atribuídos por eles, às interações que ocorrem nos grupos musicais.

Conforme já mencionado, Franco Fabian é o pastor responsável pela criação da Fazenda Esperança. A história do guitarrista da banda *Athos* se mistura um pouco com a da instituição. Franco revela ter sofrido na pele os danos da dependência química, tendo sido internado em várias clínicas de reabilitação em diferentes cidades do Rio Grande do Sul. O entrevistado relata que sua história pessoal com a música começou na época em que era dependente químico. Com 15 anos já participava de festivais escolares de rock tocando guitarra, e, logo após começar a consumir drogas, abandonou a música, voltando a tocar posteriormente, já dentro dos grupos musicais da Fazenda Esperança.

José foi o participante pelo qual mais aguardei para realizar a entrevista. Conhecendo-o desde criança, sabia que sua entrevista resultaria em dados significantes para a pesquisa. O fato de o mesmo não residir mais na cidade e de estar prestando trabalho voluntário em um centro terapêutico em uma cidade metropolitana de Porto Alegre dificultou o contato, que só foi possível com auxílio da internet e de ligações telefônicas. O *rapper* e compositor responsável pela criação do grupo musical *Athos Rap* vivia com a avó em um dos bairros mais violentos da periferia de Bagé. Em 2002, fundou o grupo RZN Mc's, "com o objetivo de incentivar a molecada a ficar longe das drogas", problema que também passava a enfrentar na época. Em 2006, gravou um *jingle* para uma grande loja de moda jovem da cidade, ganhando projeção na região e recebendo convite para tocar em diversas cidades. Já, em 2007, o grupo RZN Mc's gravou seu primeiro *single*¹: *Periferia é a nossa*

1. Termo em inglês que se refere a uma canção considerada viável comercialmente o suficiente pelo artista e pela companhia gravadora para ser lançada individualmente.

cara. Em paralelo à carreira artística, o músico relata que consumia drogas em demasia e tomava parte em vários delitos: “Em meio a essa tormenta eu tive que fazer uma escolha. Não adiantava eu subir no palco, falar de consciência e de luta e descer do palco e ser um dos piores exemplos!”. Após passar três anos na prisão, sofrendo com a dependência química em um estado já avançado, José começou a frequentar uma igreja evangélica, onde conheceu alguns residentes da Fazenda Esperança que lhe apresentaram o centro terapêutico no qual ele, posteriormente, desempenhou as funções de monitor e compositor.

Cabral foi baixista da banda *Athos*, residente da Fazenda Esperança pelo período de nove meses, tendo completado seu tratamento com êxito. O músico conta que, antes de fazer parte dos grupos musicais do centro terapêutico, já tocava um pouco de violão e flauta. O entrevistado fez parte dos dois grupos musicais ofertados pela Fazenda Esperança, sendo um dos primeiros residentes a integrar a *Banda Athos* e o grupo *Athos Rap*.

Luis, o novo baterista da banda *Athos*, nos conta que faz parte de uma “família gospel, evangélica”. Seu irmão é multi-instrumentista e, seu avô, um grande apreciador do samba, o que fez com que ele, desde sua infância, tivesse muito contato com a música por meio de rodas de samba. Durante a infância, participou de bandas marciais, tocando instrumentos de percussão. Conta que, ainda bem jovem, participava das práticas musicais na igreja que frequentava com a família. Tinha sob sua responsabilidade a execução dos *playbacks* usados pelos cantores da igreja. Nesta época ainda não sabia tocar um instrumento musical. Foi olhando os músicos durante os cultos que começou a aprender.

Leonardo toca violão e faz os vocais na banda *Athos*. É ex-militar e natural da cidade de Uruguaiana/RS. Hoje, como voluntário na Fazenda Esperança, relata que sua internação, em Bagé, se deu por não haver muitas alternativas de tratamento em Uruguaiana. Em 2013, conheceu a Fazenda Esperança por intermédio de um familiar que residia em Bagé e que entrou em contato com o pastor Franco solicitando ajuda para Leonardo que, posteriormente, cumpriu todo o tratamento e hoje auxilia a instituição como monitor. Antes das vivências musicais na Fazenda, relata que conhecia poucos acordes ao violão e que aprendeu a tocar de forma mais fluente participando dos grupos musicais do centro terapêutico.

Antônio também foi residente da Fazenda Esperança e, assim como Leonardo, hoje trabalha de forma voluntária na instituição. Tem a responsabilidade de manter, montar e regular os equipamentos de som. O técnico de som afirma que, anteriormente ao ingresso na instituição, nunca havia tido contato com tais equipamentos.

Motivos para a formação dos grupos musicais na Fazenda Esperança

Souza (2000) ressalta a necessidade de, como educadores musicais, conhecermos quais as formas de transmissão da música no cotidiano, onde ela é transmitida e com quais intenções (SOUZA, 2000, p. 33).

Em cada contexto os motivos para a criação de grupos musicais são diversos. Na Fazenda Esperança, a formação desses grupos está fortemente ligada à conclusão do tratamento para a dependência química, já que reunir-se regularmente para compor e tocar música pode reduzir os estigmas sobre o alcoolismo e o vício de drogas (ELLWAND *et al.*, 2018, p.84).

Pastor Franco ressalta o “poder da música em influenciar as pessoas, seja de forma positiva ou negativa”. Aponta a música como ferramenta terapêutica, buscando envolver os residentes com ela para que se sintam como parte da instituição e do tratamento como um todo. Descreve:

Não eram somente os músicos... Tinha o Antônio que era do som e que cuidava dos cabos. Foi uma época que nós tocamos muito fora, em outros lugares, então tinha toda aquela função de carregar equipamentos, levar, montar, desmontar, cuidar e tal. Éramos entre cinco ou seis envolvidos nessa equipe. Então, a música tem um poder influenciador e terapêutico (FRANCO, 2019).

Luis concorda com Franco com relação ao poder motivacional da música, além de ser algo comum ao gosto de todos: “Não tem quem não goste de música, né? A música toca o coração das pessoas”. O baterista afirma que, tendo vivenciado outras experiências musicais anteriores à internação, aproximou-se dos grupos musicais do centro terapêutico:

Quem se identifica com a música vai acabar chegando, vai acabar querendo se envolver. Eu, desde o berço, fui criado no meio da música. Então é muito fácil uma música me comover, sabe me trazer para perto. Onde tem um barulho, onde tem um instrumento ou alguma coisa eu vou ali, sabe? Porque me chama a atenção mais do que qualquer coisa. Então, para mim, foi importante saber dos grupos musicais dentro da Fazenda (LUIS, 2019).

Franco ressalta também a função dos grupos musicais como pontes para a espiritualidade: “No nosso caso, a gente crê que a música é uma forma de [se] chegar perto de Deus”. Crê que, através dos louvores, se estabelece uma proximidade com um ente superior.

Para Leonardo, a razão para a criação dos grupos musicais também está ligada à religiosidade. Ele afirma que o único motivo é a “busca por Deus” e reforça,ressaltando que esse sentimento fez com que, através do pastor Franco, eles aprendessem a tocar seus instrumentos musicais. Mota (2008, p. 100), aponta a estreita correlação entre os estados alterados de consciência provocados pelo uso de substâncias químicas e a exaltação místico-religiosa:

Existe uma forte correlação entre as drogas e a religião, pois condições similares de alteração de consciência buscadas com o uso de drogas encontram seu correspondente em estados de êxtase religioso. Ambos estão buscando um alívio para a angústia de viver, ou seja, um recurso que possa transformar a imanência em transcendência (MOTA, 2008, p. 100).

A ligação entre música e religiosidade fica muito evidente nas falas dos entrevistados. A criação dos grupos musicais atende à demanda dos internos em terem uma atividade músico-educativa. Em razão do repertório musical executado, com letras relacionadas a questões espirituais, parece conectar-se também a seus anseios na busca por transcendência. Cabral justifica a criação dos grupos musicais com a seguinte frase: “O motivo da criação é pelas almas, né? A Fazenda Esperança é para salvar”. Ele também aponta que, através dos grupos, é possível pedir auxílio, não de forma financeira, mas sim por meio de orações, e afirma que a participação dos residentes nestes grupos auxilia a permanecerem em tratamento.

José relata que, no início, apenas o pastor Franco sabia tocar guitarra, ficando outro residente incumbido dos vocais, ao mesmo tempo em que começava a estudar violão com o próprio pastor Franco. Mais tarde, Cabral assumiu o contrabaixo e outro residente, a bateria. José, por sua vez, auxiliava nos vocais e fazia a parte rimada dos louvores (*Rap*). Assim, originou-se a banda *Athos Rap*, sendo composta por jovens já recuperados ou que buscavam recuperação do crack. O *rapper* afirma que o principal objetivo para a criação dos grupos musicais foi o de levar uma mensagem “positiva” para os jovens, utilizando-se de sua própria linguagem:

Como é que a gente entra na favela, como é que a gente entra nos becos, como é que a gente vai falar com o maloqueiro ali na esquina, como é que a gente vai falar para o jovem que está na situação de rua? Vamos na ideia da rima né, na ideia do verso, da mensagem positiva, mensagem consciente (JOSÉ, 2019).

Argumenta que, mesmo antes de ingressar no tratamento, já tentava levar essa mensagem “positiva” através de letras que procuravam estimular os jovens a dar continuidade aos estudos e a respeitar os pais, alertando sobre os malefícios do consumo de drogas e de uma vida promíscua:

Quando nós estávamos lá no mundão, que nós era loução [...] eu, os guris, a gente nunca teve uma ideia de crime, sabe, de armas, de droga. A gente sempre procurou mandar uma mensagem positiva para a rapaziada através do rap, e esse foi o motivo da gente poder entrar e evangelizar nos becos e vielas, dos morros, na favela, em todos os bairros. Entrando com um rap, porque isso chama a atenção da gurizada e a gente implantou essa estratégia dentro da Fazenda Esperança para trazer eles para o Cristo (JOSÉ, 2019).

Para além de as práticas musicais serem relevantes para os próprios residentes, o entrevistado explicita outra função para a criação dos grupos musicais na Fazenda Esperança: a de utilização da música como ferramenta para a conexão com suas platéias a partir do *rap*, gênero musical bastante consumido por jovens. E continua:

Saber que a gurizada está ali na Fazenda Esperança pela causa e por que precisa; saber que a gente precisa estar lá, mesmo que esteja bem; saber de onde a gente saiu; tudo isso é importante! Sem a banda, eu não ia ficar na Fazenda Esperança [...] Eu sabia que tinha algo que me chamava atenção lá... Eu gosto de tocar e o pastor me leva para tocar (JOSÉ, 2019).

A escolha dos grupos musicais

Segundo Franco, desde a criação dos grupos musicais, nunca foi feita uma escolha com relação a quem poderia ou não participar. Argumenta que “dependia do cara que estava ali, se ele se identificava ou não, se ele gostava. Então partia da pessoa”. Já, conforme José, a única exigência para participar era ter um bom histórico disciplinar dentro da instituição.

Leonardo relata que a primeira formação da banda *Athos* aconteceu de forma “espontânea”:

Era um envolvimento que unia o útil com o agradável. O José, que era da Banda Athos rap, tinha o dom da letra, o dom de escrever a música. O Franco já tinha o dom dos acordes, dos instrumentos de corda. Aí, quando vê, apareceu um baterista para fazer tratamento e eu já tocava um pouco de violão... Alguns acordes básicos e, quando nós vimos, estávamos juntos, integrados, fazendo música (LEONARDO, 2019).

Antônio afirma que os integrantes se direcionaram ao grupo com o qual tinham maior afinidade musical. Luis ainda destaca que os próprios participantes procuravam indagar dos novos residentes a respeito de suas vivências musicais:

Olha, geralmente sempre tem aquele olheiro de fora para ver quem vai demonstrar interesse. Vamos ver quem é que tá a fim mesmo, alguém que goste. Então [...] ‘chega junto, vamos ver o que tu toca? O que faz?’ ‘Eu canto, danço, eu toco bateria, toco violão, posso fazer uma segunda voz!’ ‘Tens uma voz mais afinada, podes fazer uma segunda voz?’ (LUIS, 2019).

PRÁTICAS MÚSICO-EDUCATIVAS NA FAZENDA ESPERANÇA

Os ensaios da Banda *Athos*

Segundo os participantes dos grupos musicais da Fazenda Esperança, os ensaios da banda *Athos* acontecem sob a coordenação do pastor Franco. Luis destaca a competência do pastor em organizar o grupo e ensinar música durante os ensaios: “Ele é uma pessoa bem organizada; um cara apto a ensinar, cara que tem paciência de formar uma banda!”. Cabral salienta a relação entre os músicos, descrevendo que não existe competitividade e afirma que todos sabem que o propósito principal das práticas musicais é o auxílio à recuperação da dependência química:

Queremos aperfeiçoar, ser um bom músico. O músico que disser não, é mentira. A gente sempre quer aparecer, tipo... A guitarra está mais alta que o baixo, vou aumentar o baixo também. Tu sabe que é assim que funciona [...] Então, lá na Fazenda, não existe isso, porque existe aquela coisa de saber que a gurizada está ali pela causa e porque precisa, e a gente precisa estar lá (CABRAL,2019).

A necessidade de fazer da música um estímulo para o tratamento faz com que os residentes deixem em segundos planos sentimentos provenientes do ego e a competitividade. A música, neste caso, passa a ser mais um motivo para a permanência deles dentro do centro terapêutico. Diferentemente de como ocorre em outros espaços, a intenção não é ser o melhor músico, mas, sim, extrair da música todos os benefícios que ela possibilita.

Conforme Franco, no momento em que a banda esteve em seu auge, os ensaios aconteciam durante os próprios shows. As combinações prévias referentes a repertório e tonalidades das músicas eram realizadas através de um grupo criado em um aplicativo de celular. Feitas essas combinações, cada membro assumia o compromisso de fazer seu estudo individual. Franco destaca o entrosamento do grupo: “Nós pegávamos uma música que nunca tínhamos tocado juntos e parecia que já estava ensaiado!”. Cabral menciona a impressão das pessoas ao assistirem aos shows da banda e remete o resultado alcançado à providência divina: “A gente chegava aos lugares tocando e as pessoas diziam: ‘eu nunca vi uma banda tão boa quanto à de vocês!’, mal sabendo que a gente pouco ensaia [...] só por Deus, mesmo!” Relata que, muitas vezes, era definida apenas a tonalidade da música e as demais combinações iam acontecendo durante a própria execução.

Conforme já mencionado, a organização dos equipamentos fica a cargo de Antônio, um dos membros do grupo que cuida da montagem do som. Embora não tenha uma participação direta como músico, é uma figura importante para a estruturação dos shows e ensaios. Antônio conta como o grupo toma decisões referentes à escolha do repertório e aos arranjos: “Cada um faz uma participação, diz: ‘essa música é boa, vou mudar isso, fazer aquilo’; todo mundo decide junto e o pastor atende”.

Franco ressalta que pretende reformular os ensaios da banda, passando a realizar dois ensaios semanais com objetivo específico de preparar músicas novas para o repertório.

Ensinar e aprender música

As práticas musicais que inicialmente eram oferecidas como entretenimento durante o tratamento à drogadição acabaram por se constituir, dentro do centro terapêutico, em um fator educacional onde os residentes, além de aprender, ensinam música.

Franco ressalta que a proposta não era a de trazer músicos profissionais para integrarem a banda: “A gente não procurava trazer o fulano ou trazer o ciclano porque ele é bom... não, a ideia era fazer essa formação aqui dentro”. Já que grande parte dos integrantes

da banda nunca tinha participado de um grupo musical, evidenciam-se os ensaios como momentos de aprendizagens musicais. Embora o que se passa não corresponda a uma aula de música sistematizada e pedagogicamente pensada, há a presença do ensino e da aprendizagem de música, seja por meio da troca de informações ou na repetição por percepção do que os outros membros da banda tocam:

Claro, sempre [se] aprende alguma coisa. Ou tu entras não só aprendendo, tu entras também [...] por mais que tu não seja uma pessoa apta a ensinar, tu entra já ensinando, também, sabe, porque várias pessoas aprendem contigo e tu aprende com elas também; tu aprende algo que não sabia, aprende uma batida que tu não sabia, bá, essa forma de tocar! (LUIS, 2019).

Antônio, o residente responsável pela sonorização e iluminação da banda, conta que aprendeu tudo que sabe a respeito dos equipamentos dentro da Fazenda Esperança e manifesta vontade em realizar cursos de aprimoramento fora da instituição, podendo, assim, repassar os novos conhecimentos adquiridos aos futuros participantes da banda. Com relação às trocas de informação entre os integrantes, afirma: “Isso aí é assim: cada um sabe um pouquinho e vai passando para o outro”. Também descreve como acontece esta interação entre os músicos: “Aquele que toca guitarra, passa um pouco para o que está tocando violão; o do violão passa para o irmão que está no contrabaixo; aí, vão se juntando e ajudando um ao outro”. Leonardo argumenta que um dos principais motivadores para a busca de conhecimentos musicais é “aquele sentimento de paz e serenidade que nos envolve”. A partir dos ensinamentos do pastor Franco, ele revela que aprendeu os acordes básicos para começar a tocar violão dentro da Banda *Athos*:

Aqui eu aprendi fá, lá, si, sol e era tudo, digamos assim, nos ensaios, né? Tinha culto e, às vezes, o pastor não estava. Aí eu pegava o violão e começava a tocar. Ali tinha umas partituras que eu não sabia ler; tinha umas cifras, e eu tentava buscar o que era aquilo, perguntava para um irmão que também já tocava e ele nos ensinava, né? Então, quando vê, a gente já estava lendo a cifra da música e já estava tocando aquele louvor, né, então começava a fluir o ritmo, no ápice do calor, ali, né, e quando vê já saía a música. Quando a gente percebia, já tava tocando, já estava entrosado, a gente, automaticamente, se afinava conforme o ritmo (LEONARDO, 2019).

E segue: “no desenvolver disso tudo, a gente foi aprendendo, cada um, a montar o seu instrumento, a afinar seu instrumento, a regular sua caixa, seu microfone” (LEONARDO, 2019).

Durante os relatos, os residentes destacaram a utilização de duas mídias como ferramentas de aprendizagem para auxílio das práticas musicais. Conforme já citado, por meio dos telefones celulares usam um aplicativo de mensagens e chamadas de voz (*WhatsApp*), onde todos os membros da Banda *Athos* estão adicionados, formando um grupo. Através deste aplicativo, os participantes fazem combinações referentes à escolha de repertório, tonalidades das músicas, datas e horários dos ensaios e shows.

Outra ferramenta utilizada pelo grupo são *sites* especializados em cifras musicais, onde basta pesquisar o título da música desejada para se ter acesso às cifras da referida canção, podendo-se alterar as tonalidades. Leonardo destaca que, após ter despertado seu interesse pela música dentro da comunidade terapêutica, aprofundou seus conhecimentos através de pesquisas nos referidos *sites*, e assim também pode contribuir no que diz respeito a ensinar os colegas de banda.

Ao referir-se às aulas de Hip-hop ofertadas, Franco destaca a dimensão do prazer com a realização das atividades musicais: “Então aquilo ali também promovia e acabava virando uma grande brincadeira, assim, e tal; o pessoal se divertia”. Momentos de criação e improvisação musical também faziam parte da rotina dos ensaios. Através das rimas dos participantes o *rap* se misturava aos louvores e ali surgiam as canções de autoria da Banda *Athos*: “O pastor tocando e ele começa com *rap*, tocando ali, e tal, e a gurizada... cada um larga uma bobagem dentro do louvor, entendeu? Assim, sem palavrão, é claro, nas letras!”.

Além das práticas de ensino e aprendizagem entre os próprios membros da Banda *Athos*, a Fazenda Esperança também era contemplada com a presença de voluntários. O responsável pela instituição conta a história de um voluntário que conheceu e estabeleceu uma parceria com o centro terapêutico através da internação de “um amigo dele que precisava se tratar e aí era um dia de visita e ele viu o pessoal tocando e resolveu ficar de voluntário”. Outro indivíduo era músico profissional da cidade, tecladista e baterista, que atuou nas práticas musicais como músico e professor. Franco refere-se, ainda, a uma terceira pessoa, que contribuiu com aulas de bateria, aos sábados.

Cabral, baixista da banda, destaca que, quando ingressou na comunidade terapêutica, tinha apenas um pouco de conhecimento de violão e que aprendeu a tocar contrabaixo elétrico dentro da instituição, tendo seu primeiro contato com o instrumento ocorrido através de um membro de outra igreja, em uma apresentação na própria Fazenda Esperança: “Ora paz dessa banda chegou lá na fazenda e ensinou... ‘no violão tu fazes um acorde; no baixo, tu faz a nota; isso aqui é um Dó, isso aqui é um Ré’; aí eu comecei a treinar”.

A Banda *Athos*, durante a gravação de seu primeiro CD autoral, também passou por mais um momento de aprendizagem musical em grupo. Durante a gravação, a banda contou com o auxílio de um produtor musical que ficou encarregado dos arranjos e da gravação de alguns instrumentos. Franco afirma que a presença deste profissional foi muito significativa para o crescimento musical dos residentes envolvidos nas práticas musicais: “Embora a gente estivesse se esforçando bastante, quando vai gravar em um estúdio é diferente; ninguém nunca tinha tocado com clique, né, e ele ajudou bastante na parte de colocar os instrumentos”. Através da prática de gravação o músico ou grupo consegue avaliar o trabalho realizado, podendo promover pequenas alterações nos arranjos, na forma de tocar seu instrumento, na emissão vocal, entre outras questões musicais.

Para Franco, a prática musical em conjunto propicia “desenvolver *feeling*”, em uma referência ao aprimoramento da percepção musical:

Isso desenvolveu muito! Eu sou muito ruim de ouvido; para tirar uma música de ouvido é preciso fazer uma força enorme e, quando nós começamos a tocar com a banda, foi a primeira vez que começou a acontecer casos assim, de mudar tom de música. Porque ah [...] O fulano canta, mas tem que ser mais alta ou tem que ser mais baixa a tonalidade, e a gente, assim, desenvolveu bastante, né, bastante essa parte também. Eu não canto e, com a banda, tu acaba arriscando a fazer uma segunda voz; aí vai indo [...] o cara tem que estar se puxando ali, né? (FRANCO, 2019).

A partir dos dados podemos compreender que a música, dentro da Fazenda Esperança, tem vários propósitos: terapêuticos, laborais, evangelizadores, de ressocialização. É preciso revelar as práticas de ensino e aprendizagem de música em contextos onde seu reconhecimento não é óbvio, assumindo, neste caso específico, que é possível obter e compartilhar conhecimentos musicais durante ensaios, shows e até mesmo em uma “simples” roda de conversa onde haja a presença de alguém disposto a fazer uma rima de *rap*. Cabem a nós, educadores musicais, descrevermos que lugares são esses, quem são os indivíduos envolvidos com tais práticas musicais, com quais objetivos elas ocorrem e como estas práticas acontecem (SOUZA, 2000). Para um olhar desavisado, podem tratar-se de atividades rotineiras e sem muita importância; o educador musical, no entanto, precisa estar atento aos diferentes ambientes onde a música está presente e às trocas que ocorrem entre as pessoas.

O IMPACTO DAS PRÁTICAS MÚSICAIS NA RECUPERAÇÃO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA

As práticas de ensinar e aprender música dentro destes contextos vai além de tocar um instrumento musical ou cantar. Práticas musicais envolvem uma série de fatores relevantes para a formação humana. Para os residentes, tão importantes quanto às questões técnico-musicais, esses momentos ensejam o compartilhamento de sentimentos de afeto pelo próximo, amizade, solidariedade, bem como desenvolvem o senso crítico, ampliando a visão de mundo.

Ellwand (2018) identificam algumas características das atividades e dos proponentes de atividades musicais como ajuda à recuperação da drogadição: 1) Boa facilitação e liderança musical daqueles ou daquelas que desempenham a função de coordenadores/as; 2) Criação de um espaço seguro, onde exista uma cultura de acolhimento, inclusão e não julgamento; 3) Flexibilidade de participação dos envolvidos; 4) Ludicidade das atividades.

As práticas músico-educativas tornam-se importantes fatores de produção de sentido no dia-a-dia dos residentes, conforme destaca Cabral:

Durante os ensaios, às vezes, tu aprendes umas músicas, uns louvores que tu nunca ouviste. Então, é muito bacana isso daí, e isso inspira a gente a continuar sempre focando no tratamento, sabe? Isso é o que me inspira a focar no tratamento, saber que amanhã eu tô ali de novo, que eu tenho que cantar de novo, amanhã eu tenho que estar ali, tenho que tocar bateria, que teremos ensaio para a gente se apresentar, e é isso que motiva, sabe? É bom manter a cabeça da gente sempre ocupada! (CABRAL, 2019).

O fazer musical torna-se a principal ferramenta motivadora para os residentes, ajudando a tornar o tratamento mais sutil. Entre os participantes da pesquisa fica evidente a expectativa pelos momentos musicais. Sendo assim, os residentes passam a esperar os momentos de práticas musicais, tornando-as o principal estímulo para darem continuidade ao tratamento e assumindo uma nova postura dentro do contexto de recuperação.

Poder desempenhar um novo papel enquanto sujeito na sociedade aprendendo algo novo, expressando-se artisticamente, ganhando atenção e respeito dos demais residentes e interagindo de forma saudável com outras pessoas são alguns dos fatores pelos quais as práticas musicais tornam-se tão importantes para os entrevistados.

Os participantes da pesquisa de Ellwand *et al.* (2018) ressaltaram objetivos que consideram relevantes na busca por atividades musicais como recuperação da dependência química:

- a) Ter um foco que não tem a ver com recuperação; b) Envolver-se em atividades que preencham suas vidas e melhorem o humor; c) Construir redes de apoio por meio do suporte dos pares; d) Fazer música para criar conexões com os outros; e) Aprender novas habilidades ou desenvolver habilidades musicais existentes; f) Pertencer a uma comunidade; g) Construir confiança; h) Realizar algo regularmente no sentido de desenvolver o senso de conquista; i) Cantar e tocar para criar bem-estar emocional e físico; j) Fazer música como possibilidade de auto-expressão e criação de empatia; k) Apresentar-se como musicista a fim de reduzir o estigma social e como ajuda à reestruturação da identidade (ELLWAND *et al.*, 2018, p.92-98).

O baterista da banda destaca a dimensão espiritual das práticas musicais revelando que, durante o estudo do seu instrumento musical, consegue se libertar de suas angústias ao mesmo tempo em que desperta em si um sentimento de “vitória” ao tocar e cantar louvores. A prática musical, assim, é um estímulo para a permanência no tratamento. Nesse sentido, ressalta a importância da música não apenas nos momentos de práticas musicais, mas também fora de ensaios ou apresentações: “Todas as vezes que eu estou mal, estou caindo, pensando em desistir, vem um louvor que diz na minha cabeça: ‘Não desanimes não, tudo vai dar certo, Cristo está por perto!’” Para o entrevistado, ter escutado um louvor, certa vez, funcionou como um chamado para retornar ao centro terapêutico: “Eu vou voltar para a casa do Pai, eu quero!”. Frisa que a música é uma espécie de “filtro” onde consegue eliminar os pensamentos impróprios relacionados ao uso de drogas. Descreve que, nos momentos mais difíceis da sua recuperação, a música o auxiliou, transmitindo uma “mensagem positiva e de fé”, ao mesmo tempo em que “o som, o toque das notas musicais no instrumento também falava comigo”. Nos momentos de conflito, em que os ânimos se elevam um pouco mais, a música ajuda a “acalmar”.

Para Mota (2008, p. 103), que estudou as representações sociais da dependência química, “o tratamento implica também a conversão religiosa e a reformulação moral e ética baseada em valores cristãos”. Nessa direção, Leonardo salienta o “papel da música na evangelização” dos dependentes químicos em tratamento. Através da música, afirma se estabelecer “uma relação com Deus”, empregando o termo “injeção de combustível” ao referir-se a essa conexão com o transcendente proporcionada pelas práticas musicais. Relata que a música foi um grande estímulo para que pudesse concluir o tratamento: “Aquilo tocava lá dentro do coração, na alma mesmo, e a cada término de culto, de louvor, nós renovamos a vontade de permanecer”. Sublinha que muitos jovens que não tinham contato com música passaram a ter durante o período em que estiveram na instituição e que, através da música, passaram a “entender a palavra de Deus”, bem como o objetivo do tratamento:

Hoje o cara toca e canta e [...] desperta algo nas pessoas... Não só naquele que está tocando, mas desperta na pessoa que está vendo, algo tão profundo que a gente vê: ‘pô, esse cara tem algo a mais que foi plantado nele e que não era algo de raiz, mas, sim, que foi plantado!’ E isso tudo floresceu aqui dentro, através dessa prática musical (LEONARDO, 2019).

Segundo Cabral, sua recuperação da dependência química ocorreu devido às práticas musicais, o que o leva a querer dedicar-se à essa atividade musical, além de ver nela uma forma de “resgate” de outros indivíduos dependentes químicos, de interação com outras pessoas. Relembra um *show* realizado em uma comunidade dominada pelo tráfico de drogas, onde o objetivo era o de levar refeições aos mais necessitados e realizar um culto evangélico com a presença da Banda *Athos*. Na ocasião, o público era de apenas quatro pessoas. No entanto, com visível emoção, descreve a reação das pessoas ao apreciarem os louvores ali, naquele contexto:

Fez-me querer ficar na Fazenda, porque, tipo [...] vários pastores chegaram e me disseram: ‘tu vai ser um pregador da palavra!’ Só que eu não me vejo com uma Bíblia na mão [...] sinceramente, não me vejo mesmo, mas eu já me vejo tocando louvores em uma boca de fumo, tentando resgatar vidas através da música (CABRAL, 2019).

Ao contar um pouco da sua história de vida, José relata sua primeira internação, em 2013, quando aceitou a condição de dependente químico e procurou ajuda na Fazenda Esperança. Afirma que naquele local encontrou uma oportunidade de recomeçar. Durante o tratamento, o mesmo percebeu que sua rotina diária não era preenchida totalmente. Então, durante as rodas de chimarrão, ele e outros residentes começaram a praticar rimas de *rap*, percebendo que sua passagem pelo centro terapêutico poderia ganhar outro significado. O músico criou o grupo *Athos Rap* e também compôs quase todas as músicas do CD da *Banda Athos*: “Para mim, pessoalmente, foi essencial, foi muito importante na minha vida ter começado a ensaiar lá e a louvar e a cantar. A música foi muito importante na minha recuperação!”.

Franco ressalta que, nessa época, a recuperação esteve muito focada na música. A cada apresentação da banda, outros residentes se interessavam mais pela música e pelo tratamento de uma forma em geral: “Então, veja como é a música...a importância da música não só no tratamento da dependência química, mas na vida das pessoas: a música deixa o mundo mais alegre!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha desta temática de pesquisa tem uma relação muito forte com minha experiência de vida no que diz respeito à relevância da música nos momentos difíceis em que fui dependente químico. Por diversos momentos durante a pesquisa, especialmente durante os relatos dos residentes, pude entender perfeitamente suas falas. Creio que ter vivido momentos iguais ou semelhantes aos que foram expostos pelos residentes me permitiu entender, de maneira mais global, minhas perguntas de pesquisa: quais foram os motivos para a criação das práticas musicais na Fazenda Esperança? Como os internos escolhem os grupos musicais dos quais participam? De que forma ocorrem as interações musicais nos grupos? Quais os impactos do envolvimento com as práticas musicais na trajetória de recuperação da dependência química dos participantes da pesquisa?

Como aporte teórico-metodológico para a investigação, embasei-me nas ideias de diferentes autores sobre o que é a pesquisa de abordagem qualitativa, a entrevista qualitativa como técnica de coleta de dados e o cotidiano como perspectiva teórica para a compreensão do lugar das práticas musicais dos participantes (SOUZA, 2000; 2004). As práticas músico-educativas no contexto de estudo vão além de aprender um acorde novo ou cantar afinado, conforme relato dos próprios residentes. As práticas musicais empenham um significado social de fundamental relevância já que, para muitos desses sujeitos, esta é a oportunidade de se apresentarem, no meio social em que vivem, como pessoas capazes de desempenhar atividades artísticas como uma forma de reestruturação de suas identidades (ELLWAND *et al.*, 2018). Não menos importante é a ação do contexto, utilizando a música como ferramenta de conversão religiosa, apresentando-lhes uma nova proposta de vida, onde, seja tocando e cantando louvores, interpretando as letras ou escutando, é possível estabelecer uma conexão com o transcendente.

Utilizar a música de forma frequente dentro da instituição faz com que os residentes persistam no tratamento. Momentos diários de prática musical como ensaios, apresentações, rodas de violão ou batalhas de *rap* estimulam os participantes a expressar a condição de estarem livres das drogas, assim como projetarem seus planos futuros por meio da/com a música.

Como pesquisador, acredito que os resultados da pesquisa envolvendo a temática da música e drogadição, ainda pouco explorada pela educação musical, possa trazer contribuições tanto para a área de conhecimento específica quanto para a sociedade como um todo. Tendo em vista os resultados relevantes alcançados dentro da Fazenda Esperança através das práticas musicais, bem como em outros espaços semelhantes, acho pertinente que outros estudos possam interessar-se pelo fazer musical de indivíduos que sofrem com a dependência química.

Também destaco estes contextos como um interessante e desafiador campo de atuação para educadores musicais, já que tais práticas músico-educativas, quando existentes nesses espaços, provocam o professor de música a olhar para além de sua área de atuação específica, buscando conexões interdisciplinares.

Por fim, destaco a importância em prosseguir estudando essa temática. Tenho interesse em dar continuidade a investigações que contemplem as palavras-chaves música e drogadição, acreditando, assim, estar contribuindo tanto para a educação musical quanto para uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Anderson Andrade; DIAS, Leila. Educação, periferia e transformação: o educador musical e alguns prismas emergentes. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, 16., 2014. Blumenau. **Anais** [...]. Blumenau: Associação Brasileira de Educação Musical, 2014. Disponível em: http://www.abemeduacaomusical.com.br/conferencias/index.php/regional_sul/regional_sul/paper/view/497/44. Acesso em: 05 dez. 2019, às 23:40.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, LTDA., 1994.

DAMACENA, Gabriela Fernandes Carnot, *et al.* **A abordagem religiosa como recurso de tratamento da dependência química nas Comunidades terapêuticas**. Revista de Saúde Pública de Santa Catarina, 10.1 (2017): 46-55.

DESLAURIERS, Jean Pierre; KÉRISIT, M. **O Delineamento de Pesquisa Qualitativa**. In: POUPART *et al.* **Pesquisa qualitativa: enfoques e epistemologias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Sociológica).

ELLWAND, Kathy *et al.* **Music community and recovery: Good practice in UK community music projects supporting recovery from addiction**. In: STAMOU Vasileios; STAMOU Lelouda. **Handbook of Best Practices: Music in Creative Detoxification and Rehabilitation**. Thessaloniki, Greece: University Macedonia Press, 2018.

FIALHO, Malagutti Vania. **Contribuições do Ensino da Música em Projetos Sociais: Depoimentos de Egressos**. In: SOUZA Jusamara. *et al.* **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014 (Série educação musical e cotidiano v.3). p 123 – 136.

FUENTE, Lucía Casal de la. Instrução, educação musical e musicoterapia: o papel da experiência musical. **Anais** [...]. Porto Alegre: Simpósio de Estética e Filosofia da Música, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/503/435>. Acesso em: 05 dez. 2019, às 23:40.

NASCIMENTO, Antônio Dias. **Contribuições do Ensino da Música em Projetos Sociais**: Depoimentos de Egressos. *In*: SOUZA Jusamara *et al.* **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014 (Série educação musical e cotidiano v.3). p 51 – 63.

PIRES, Álvaro P. **Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico**. *In*: POUPART *et al.* **Pesquisa qualitativa: enfoques e epistemologias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Sociológica).

POUPART, Jean. *et al.* **Pesquisa qualitativa: enfoques e epistemologias**. Petrópolis Rio de Janeiro, Vozes, 2010. (Coleção Sociológica).

ROSA, Sandro Santos Da. **Musicoterapia e cuidado humano**: A música e a reabilitação de pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Faculdades EST, São Leopoldo.

ROGGENKAMP, Carla Irene. **Prática de educação musical em instituições de acolhida para adolescentes**: Possibilidades e limites. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal de Ponta Grossa, Ponta Grossa – PR.

SOUZA Jusamara *et. al.* **Música, educação e projetos sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014 (Série educação musical e cotidiano v.3).

SOUZA, Jusamara. **Educação musical e práticas sociais**. Revista da ABEM, v. 12, n. 10, 2004.

SOUZA, Jusamara. **Música, cotidiano e educação**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Música--Mestrado e Doutorado, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n53/07.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2019, às 15:50.

TEIXEIRA Lúcia Helena; MACIEL, Adriano Fernandes. **Aulas de música na penitenciária – um relato sobre a formação de grupo vocal e grupo instrumental na Penitenciária Feminina Madre Pelletier, em Porto Alegre – RS**. *In*: XVIII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL 15º SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Londrina - 6 a 9 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/896749-Aulas-de-musica-na-penitenciaria-um-relato-sobre-a-formacao-de-grupo-vocal-e-grupo-instrumental-na-Penitenciaria-Feminina-Madre-Pelletier-em-Porto-Alegre-RS/>. Acesso em: 05 dez. 2019, às 15:45.

WEICHSELBAUM, Anete Susana; NUNES, Pâmela Lopes. **Contribuições do Ensino da Música em Projetos Sociais**: Depoimentos de Egressos. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, XXVII. 2016, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: 2016. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xviiregusul/regs2016/paper/view/1831/814>. Acesso em: 05 dez. 2019, às 15:46.

YIN, Robert K. **Pesquisa Qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Editora Penso, 2016.

APÊNDICES

Roteiro de entrevistas dos participantes do grupo musical

1. Tu sabes quais os motivos para criação de grupos musicais da Fazenda Esperança?

2. Conhecer como os internos escolhem os grupos musicais dos quais participam?

De que forma foste apresentado aos grupos musicais?

3. Investigar as formas de ensino e aprendizagem musicais que ocorrem nos grupos musicais?

Tu já tinhas alguma experiência musical anterior ao ingresso no grupo? Após teu ingresso no grupo percebeste aquisição de novos conhecimentos musicais?

Como ocorrem os ensaios, é sob coordenação de um único participante ou o grupo decide em conjunto? (quem define o repertório)

Como ocorre as trocas de informações musicais entre os membros da banda?

Participar do grupo te despertou interesse em buscar conhecimentos musicais fora da Fazenda Esperança?

Como tu compartilha com os colegas de banda os teus conhecimentos musicais?

4. Analisar os impactos do envolvimento com as práticas musicais na trajetória de recuperação dos internos?

Durante o teu tratamento de que forma tu acha que a música auxiliou na tua recuperação?

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM E VOZ

(Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998)

Pelo presente instrumento, eu, _____, portador/a do CPF nº _____, RG nº _____, telefone _____, e-mail _____, autorizo graciosamente, sem limitação de tempo ou número de exposições, a utilização da minha imagem e/ou voz em registros realizados durante minha participação como colaborador/a para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso realizado pelo/ adiscente _____, orientado pela professora Lúcia Helena Pereira Teixeira.

Local/data: _____, _____ de _____ de 2019.

Nome: _____

Assinatura: _____



Universidade Federal do Pampa

TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM E VOZ

(Lei nº 9610, de 19 de fevereiro de 1998)

Pelo presente instrumento, eu, FRANCO FABIAN B. DE OLIVEIRA, portador/a do CPF nº 81667116053, RG nº 9094321131, telefone 53 999293070, e-mail FRANCOFABIAN1980@gmail.com, autorizo graciosamente, sem limitação de tempo ou número de exibições, a utilização da minha imagem e/ou voz em registros realizados durante minha participação como colaborador/a para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso realizado pelo/a discente JERÔNIMO SILVA B. RAMOS, orientado pela professora Lúcia Helena Pereira Teixeira.

Local/data: PAGE, 07 de DEZEMBRO de 2019.

Nome: FRANCO FABIAN B. DE OLIVEIRA

Assinatura: [assinatura manuscrita]